

BRINCADEIRAS ATLÂNTICAS

ANDRÉ VIEIRA



A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.*

(Conceição Evaristo – Vozes Mulheres)¹

Toda forma de vida é imprescindível em uma sociedade das diferenças. Os corpos, os gestos, os códigos e as culturas, jamais podem ser negligenciadas e silenciadas. A luta nos faz acreditar que é possível uma educação que dialogue com as diferenças minimizando danos a partir de um currículo menos colonizado, utilizo o termo menos para me referir que o currículo não está livre das armadilhas colônias. “É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte”.

O que você vê quando se olha no espelho?

- Vejo alguém branco, loiro e de olhos azuis.

- Mas você é negro!

- Pois bem, o espelho me permite viajar nos desejos, nos sonhos, não sou negro no espelho.

Frantz Fanon² nos traz a metáfora do espelho, nas palavras no autor; “a pessoa de cor ao se olhar no espelho vê a imagem do branco refletida o autor se utiliza dessa metáfora para explicar o processo de colonização”.

- O que isso tem a ver com o relato?

- Muita coisa.

Negando o/a outro/a como a si mesmo

- Ele é preto

- Eu não sou

¹ EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Malê 2017.

² FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA 2018.

- Meu cabelo é bom, é liso
- Tenho só uma boneca preta o resto é tudo branca prof.
- Minha tia fala que meu cabelo é duro
- Eu tenho um tio que é racista.
- Na TV só aparece negro ladrão
- Penso que precisamos realizar algumas atividades aqui na sala para entender o que as falas significam.

A priori para o trabalho foi construir com as/os estudantes um momento de análise – reflexão a partir das questões apresentadas, para que pudessemos entender os discursos que estavam circulando ali na sala. No primeiro momento apenas registrei as falas em meu caderno, não questionei, tão pouco perguntei para as/os estudantes se eram falas racistas. O que estava em jogo era fazer com que as/os estudantes percebessem o teor de tais falas, uma vez que são/estão presentes no cotidiano. A ideia era desnaturalização de tais falas.³

Identificadas algumas falas e pensamentos, comecei com a estratégia de apresentar para as/os estudantes imagens de pessoas – corpos negros a partir

³ Não significa abstenção ou invisibilização das falas, a estratégia utilizada parte da noção de que as/os estudantes precisavam perceber o que está posto nas falas e, através das provocações identificarem o racismo. Neste tocante, estaria desnaturalizando algo que está presente no cotidiano. A intelectual Grada Kilomba nos faz pensar nas tecnologias do racismo e as formas como ele está presente em situações cotidianas ditas “normais” o seu livro; Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Outras/os intelectuais compuseram as aulas, Rodrigo França com seu livro; O pequeno príncipe preto, Nei Lopes com seu livro; Afro Brasil reluzente: 100 personalidades negras do século XX, bell hooks com seu livro; Ensinando a transgredir, Gilberto Gil; Margareth Menezes; Chico César; Luiz Carlos da Vila; Thiago Elniño; RZO; Racionais Mcs; Lazo Matumbi; Melvin Santana; Opanijé dentre outras/os. A contribuição das/dos intelectuais citados/das permitiu que fossem lançadas muitas provocações durante as aulas. Esse projeto foi realizado em uma Escola Pública da Rede Municipal da Cidade de São Paulo, localizada na Zona Sul da Cidade. O projeto teve duração de 6 meses, a princípio tínhamos a ideia de realizar as discussões nas aulas interdisciplinares as quintas-feiras, mas com à proporção que o mesmo tomou, passamos a discutir e refletir em outros momentos. As primeiras aulas eram dedicadas ao momento que nomeamos de reflexão. Sempre acompanhado de uma leitura, música ou imagem, as/os estudantes traziam suas ideias através das provocações lançadas. As reflexões estavam sempre contextualizadas com situações de aula e com possíveis situações que viriam acontecer após provocações. Acredita-se na contextualização dos conteúdos como forma de apresentar para as/os estudantes relações e sentido com aquilo que é proposto em aula.

das diferenças⁴ existentes. A utilização das imagens possibilitou que as/os estudantes percebessem as diferenças, os traços fenotípicos (cabelo, nariz, boca e cor da pele) nos serviram de base para pensarmos os marcadores sociais e a racialização dos corpos. Algumas/uns estudantes ficaram curiosos.

- Nossa prof, esse aí não é tão negro;
- Essa é bem negra;
- Nossa negro tem cabelo liso;
- Achei que era só quando fazia escova.

Continuei mostrando mais imagens e foram surgindo outras falas. Mas uma vez apenas registrei as falas e não questioneei. Lancei uma provocação;

- Será que são negras, pretas/tos?

As provocações eram lançadas sempre que possível. Arrisquei-me em uma pedagogia da provocação ao invés da explicação, com o intuito trazer para as aulas a reflexão como forma de desconstrução das falas pré-estabelecidas, com a intenção de que as/os estudantes percebessem a presença do racismo.

Após o encontro, vendo que cabelo foi a discussão mais presente entre as/os estudantes. No encontro seguinte apresentei um vídeo da intelectual Diva Green. Durante a entrevista ela nos apresentou outro discurso em relação ao cabelo. Para ela o cabelo é um ato político. Ela faz uma reflexão sobre a resistência e a potência expressa nos cabelos, trazendo a ideia de que para além da estética os cabelos são formas de significar uma luta contra racismo e opressão. As/os estudantes ficaram empolgados/das com as falas da Diva Green. Naquele momento algumas falas surgiram;

- Por que ela fala que cabelo é um ato político?
- Não sei, o que será que é ato político?

Silêncio na sala...

Um estudante faz a seguinte pergunta:

⁴ Aproprio-me da noção de diferença com a intenção de aproximar a ideia de diáspora apresentada por Sturt Hall (2013/2018). Para o autor somos corpos pretos-negros em diáspora, a diferença se faz em cada um/uma. Existem as várias negritudes diaspóricas nem todo negro/a é igual ou se parece, muito menos parente. Tais questões, nos ajudam sair do olhar fixado de que pretos-negros são iguais, tal pensamento se faz reducionista reflexionando em uma herança colonial.

- Tem a ver com Bolsonaro e Lula?

- Será que tem?

Voltamos ao vídeo, desta vez, fui parando após algumas falas da intelectual. As/os estudantes começaram a perceber que quando ela fala em ato político ela não menciona candidatos/tas, mas fala da sua vida e das suas escolhas dentre elas a estética do cabelo.

- Na fala dela; “minha estética é política”.

- Será que essa política que ela fala tem a ver com Bolsonaro e Lula?

Aproveitei para fazer uma discussão sobre qual noção de política está em jogo, dei alguns exemplos para as/os estudantes sobre política em relação a decisões, escolhas, visão de mundo, formas de lidar com as pessoas dentre outras. Disse também, que não poderíamos limitar a noção de política a partidos. Para muitos corpos e principalmente corpos pretos, viver é um ato político.

- Eu dar aula para vocês, acreditar e pensar uma boa aula é um ato político, eu sou um ato político”.

Vale ressaltar que em momento algum as discussões foram infantilizadas e minimizadas por ser uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental I. Pelo contrário, foram feitas discussões na íntegra as quais permitiram que as/os estudantes acessassem outros discursos. Considerei as/os estudantes como agentes da produção dos saberes expostos em aula. Outra questão a pensar é que em momento algum estive em jogo juízo de verdade, mesmo aparecendo as diversas situações de racismo, a ideia foi apresentar para as/os estudantes outros discursos, os vários modos de vida, as possibilidades de olhar para os corpos pretos para além do que está sendo legitimado como verdade.

O que está posto em uma reeleitura?

A partir das conversas com os pares no momento de intervalo na escola, tendo em mente discussões já realizadas com a turma em anos anteriores provoquei as/os estudantes em relação à existência de personagens negras/os.

Sabendo da existência do livro *O pequeno príncipe preto*, o apresentei para as/os estudantes a fim de provocar.

- Vocês já ouviram falar na história do Pequeno Príncipe preto?
- Mas o pequeno príncipe é branco
- Eu nunca vi um príncipe preto
- Tem sim, eu já vi no filme, mas não lembro o nome.
- O que acham de lermos o livro?
- É uma boa
- A não, não tem nada a ver com as aulas!
- Será?

Silêncio na sala.

Mostrei as imagens do livro para as/os estudantes com a intenção de despertar interesse.

- Olha o cabelo dele é black igual ao da foto que vimos
- Então quer dizer que o livro tem a ver com os encontros?
- Só o cabelo
- Penso que precisaremos ler para descobrir

A leitura nos trouxe muitas questões; a condição de uma releitura, a forma como o pequeno príncipe viajava pelos planetas, as amizades que fazia, a forma como ele via os lugares e as pessoas. Ao longo da leitura as/os estudantes questionaram que ele não brincava muito.

A releitura...

Não está e não esteve em jogo questionar a legitimidade da obra estudada, mas começamos a perceber que a condição de releitura de uma obra já existente pode causar algumas questões que precisam ser discutidas. Uma delas é; se existe uma história dita original a releitura cumpre o papel de dar outras formas para aquilo que é tido como original, deste modo, o pequeno príncipe preto nos provoca a partir da possível existência de um príncipe preto, mas também, nos faz pensar na dependência exercida pelo negro a partir do branco. De que forma? O pequeno príncipe preto só existe, porque existe o pequeno príncipe branco, ou seja, o preto sempre será o Outro a existir. Rasurar tal lógica, seria construir personagens negras/gros para além do que está posto dando outras significações e criando histórias outras.



A viagem do pequeno príncipe...

As viagens do pequeno príncipe preto eram feitas através de uma pipa, ele esperava o vento, segurava na linha da pipa e viajava para os planetas que desejava visitar. Em cada planeta ele encontrava uma situação que o fazia pensar em questões sociais, raciais e até mesmo sobre questões econômicas, uns como muito, outros sem nada. Percebida as questões, as/os estudantes começaram a relacionar as questões vividas na história com situações cotidianas. Naquele momento estiveram em jogo questões que vão para além das aulas. Conseguir trazer as questões de fora para dentro da aula é algo de suma importância para uma pedagógica que possibilita reflexão e diálogo com a realidade local. Estiveram presentes as várias leituras de mundo as/os estudantes passaram a fazer várias conexões com as situações cotidianas.

- Nossa prof., ele fala de coisas que parecem ser de verdade.
- Mas será que não são?
- Será que ele usa a história para falar das coisas que acontecem de verdade?

As amizades...

Ao longo da história o pequeno príncipe foi fazendo amizade em cada planeta que passava, as amizades eram com pessoas diferentes,

com animais, com isso, começamos a perceber que ele nos convidava a olhar para as diferenças existentes. Nos lugares em que ele chegava as pessoas o viam com diferença, sua cor, sua roupa, seu cabelo, sua fala, dentre outros aspectos. Ao mesmo tempo em que ele era visto como diferença as pessoas também eram diferença. Provoquei as/os estudantes;

- Olha só, na história cada uma/um é de um jeito. Parece com algum lugar que conhecemos?

Lugares e pessoas...

Como já mencionado, em cada planeta uma diferença, quando ele chegou no planeta terra, ele começou a questionar as formas como as pessoas se comportavam, ele começa a relatar que as pessoas pouco se falavam, muito concentradas em suas questões. Cada um fazendo algo sozinho, pouca coletividade. Ele tentou se aproximar das pessoas e foi ignorado, até que ele encontrou algumas crianças brincando, se aproximou delas e propôs uma brincadeira. Um cesto com balas a uma distância as crianças deveriam correr para pegar, ao fazer a primeira vez elas correram e cada um pegou uma quantidade, ele falou com as crianças e explicou que a proposta era que todos/das repartissem o que estava na cesta. Explicou para elas o que é *UBUNTU*⁵. Na segunda vez que as crianças foram em direção a cesta, todas/dos partilharam o que tinha nela, ele disse para as crianças que *UBUNTU* é a possibilidade de humanidade para todas/dos condição coletiva que o planeta terra precisava de mais *UBUNTU*. As/os estudantes ficaram pensativas/vos com as questões apresentadas na história, começaram a surgir perguntas em relação ao que ele apresentou como união e sobre a brincadeira que ele propôs. Sem muitas respostas...

Provoquei as/os estudantes:

- Onde e como podemos perceber o *UBUNTU* no nosso dia a dia?

Algumas/uns relatam que não conseguiam perceber isso no nosso dia a dia, que muitas vezes cada um/uma está preocupado com ele/ela mesma.

⁵ A filosofia Ubuntu tem origem nos idiomas Zulu e xhosa do sul do continente africano. Tem como significado humanidade para todas/dos e coletividade dentre outros.

- Então quer dizer que não existe união?
- Não tem muito não prof., é difícil brincar junto, as vezes na brincadeira cada criança quer fazer uma coisa⁶.
- É mesmo, cada um brinca de um jeito
- Mas cada um/uma brinca de um jeito a mesma brincadeira?
- Às vezes sim
- Então quer dizer que as crianças mesmo brincado juntas, cada uma brinca de um jeito a mesma brincadeira?

Entendi o que as/os estudantes estavam falando. As perguntas realizadas foram provocações para ver o que elas/eles estavam pensando em relação as brincadeiras e as formas como são vivenciadas. Ou seja, a partir das perguntas trouxeram as várias significações contidas na mesma brincadeira.

Eis que surgem:

- Será que as crianças da África brincam?
- Vocês acham que elas não brincam?
- Precisamos descobrir.

⁶ As/os estudantes começam a relatar situações que não corroboram com a noção de união apresentada na história. Através das falas das/dos estudantes comecei a pensar estratégia possíveis para trabalhar questões que envolvessem a ideia de união, mas eu não queria cair no clichê de que todas as pessoas devem ser unidas, se respeitar, e ter gratidão, não foi essa questão que esteve em jogo nas aulas. Comecei a provocar as/os estudantes a partir das diferenças e pensar junto a história se é possível conviver com as diferenças e que talvez a noção de união apresentada na história poderia ser uma forma de dizer que mesmo diferentes podemos ser unidos para um bem comum, expliquei para as/os estudantes a noção de bem comum. Trouxe a ideia da diferença, uma vez que, nossa sociedade se faz a partir das diferenças, vista pela minha ótica. Por muitas vezes surgiram falas de que somos todas/dos iguais e que não existe diferenças. As/os estudantes estavam com ideias fixas de que todas as pessoas são iguais e que somos irmãos. Naquele momento uma noção cristã circulava na sala de aula.

- Somos iguais a quem ou a quê?

O pensar escola apresentado por bell hooks (HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017, p. 11) se fez presente no momento: “escola era o lugar do êxtase – do prazer e do perigo. Mas aprender ideias que contrariavam os valores e crenças aprendidos em casa era correr um risco, entrar na zona de perigo. Minha casa era o lugar onde eu era obrigada a me conformar à noção de outra pessoa acerca de quem e o que eu deveria ser. A escola era o lugar onde eu podia esquecer essa noção e me reinventar através das ideias”.

- Será que elas brincam das mesmas coisas que a gente?

Após as falas, começamos a pensar se as brincadeiras estavam presentes no continente africano e quais eram as brincadeiras realizadas pelas crianças de lá. Mais uma vez o imaginário se faz presente, ou seja, as representações discursivas já estavam presentes antes mesmo de se iniciar uma discussão em relação ao continente. O que isso tem a ver? Nas palavras da pesquisadora Ana Cristina Juvenal Cruz⁷: “África fica circunscrita ao trabalho, ao tráfico e a escravidão além de breve referência à sua organização “social e política” contemporânea limitada ao contexto da colonização europeia. Tal inclinação aponta ainda as características restritas com as quais a dimensão étnica e racial negra é tratada”.

Apresentei para as/os estudantes o mapa do continente, imagens e vídeos de crianças africanas brincando. Com muito cuidado, começamos a pensar a relação das brincadeiras das crianças africanas com as nossas⁸.

⁷ CRUZ, A. C. J. O lugar da história e cultura africana e afro-brasileira nos debates contemporâneos do currículo brasileiro. **Revista Ensino Interdisciplinar**. Mossoró, v.3, nº 08, 2017.

⁸ Para que fosse possível a aproximação, precisaríamos aprofundar as pesquisas em relação as brincadeiras africanas. Tendo em mente o trabalho realizado por uma colega do grupo pesquisas GPEF (Grupo de pesquisas em Educação Física escolar) entrei em contato com ela a fim de buscar referências que pudessemos usar nas aulas, ela ajudou apresentando livros que traziam brincadeiras africanas. Em contato com os livros, apresentei-os para as/os estudantes. Fizemos votação e decidimos usar o livro da autora Débora Alfaia da Cunha – Brincadeiras africanas para educação cultural – 2016. Por conter muitas brincadeiras, das 69 escolhemos 10 brincadeiras, as brincadeiras foram escolhidas por sorteio. Realizamos a leitura dos nomes das brincadeiras e sorteamos 10 que seriam vivenciadas nas aulas. Devido o calendário escolar e algumas imprevisibilidades do cotidiano escolar, não realizamos as 10 brincadeiras. Neste momento já estávamos no quarto bimestre quase encerrando o ano letivo. Eu falei com as/os estudantes que não precisamos nos preocupar em realizar todas, que tínhamos que aproveitar as discussões que surgiam após a realização das brincadeiras. No final de cada vivência realizávamos uma discussão sobre questões que envolviam as brincadeiras. Algumas/uns estudantes relataram conhecerem as brincadeiras, mas com outro nome. As brincadeiras sorteadas foram: Terra – Mar; O silêncio é de ouro; Meu querido bebê; Banyoka; Comboio; Labirinto; Pombo ou Matacuza; Mamba; Êxodo; Acompanhe meus pés. Passamos a perceber semelhanças entre as brincadeiras, isso nos faz pensar nas relações estabelecidas em diáspora, nas palavras de Paul Gilroy (2001) o atlântico negro. Inspiração para o nome do relato: Brincadeiras Atlânticas.



- Será que brincam das mesmas brincadeiras que a gente ou nós que brincamos das mesmas brincadeiras delas/les?

Surgiram inúmeras falas e formas de como as crianças brincavam, as que mais marcaram foram falas mencionando que brincavam das nossas brincadeiras. Como provocação lancei a seguinte pergunta;

- Se para muitas pessoas o continente africano é o berço da humanidade, como pode eles brincarem das nossas brincadeiras?

- Como assim berço da humanidade?

Falei com as/os estudantes sobre essa questão, após a conversa as/os estudantes começaram a se questionar em relação a visão que temos do continente africano, tal fato vai ao encontro do que Ana Cristina Juvenal Cruz nos apresentou. Pensar o continente africano é pensar um mundo de fantasia, povoado pelo discurso midiático e outras representações que muitas vezes não condizem com a realidade, ou seja, o continente é representado por um olhar colonial trazendo à tona a não

civilização e a total dependência para existência. Nossas discussões tomaram outros rumos, as encruzilhadas se fizeram caminhos e descobertas.

Grada Kilomba⁹ assim se posiciona: “bell hooks usa estes dois conceitos de “sujeito” e “objeto” argumentando que sujeitos são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias”. Como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossas) relação com aqueles que são sujeitos”.

Após apresentar para as/os estudantes as ideias da autora fiz uma provocação em relação as discussões realizadas até o presente momento. Percebi que em alguns momentos vocês trazem um olhar diferente sobre o continente africano e em relação aos corpos negros.

- Por que pensamos estas coisas?

- Alguém tem alguma explicação sobre?

Silêncio...

- Vocês sabem o que é racismo estrutural?

- O que é racismo?

- Ah prof., é quando alguém não gosta da pessoa por causa do jeito dela.

- Não é não, racismo é quando não gostam dos negros

- E estrutura o que é?

Silêncio...

Aproveitei o ensejo de que a escola estava passando por reformas, utilizei o exemplo da reforma para trazer a ideia de estrutura. Olha lá, a escola está sendo reformada não está? Estão arrumando os banheiros, a frente da escola e outros espaços. Isso que está sendo arrumado é a estrutura da escola. Vamos agora imaginar que a escola é a sociedade que vivemos, dentro da sociedade tem as estruturas, as salas que existem na escola, são as estruturas de trabalho; moradia; lazer; saúde dentre outras.

- Em cada um dos lugares que falei onde estão as pessoas negras?

⁹ KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de um racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019, p. 28.

- Com o que trabalham? Onde moram? Quais são as formas de lazer?
Como é a saúde?

Alguns/umas estudantes se arriscaram a responde.

- Ah prof, elas moram na favela, trabalham na faxina, lazer é ir ao campo aqui perto da escola.

- Por que as pessoas não estão em outros trabalhos, moradia e lazer?

- Elas não querem

Pelo contrário, o racismo estrutural é a tecnologia que não deixa as pessoas acessarem outros espaços e terem outros modos de vida, o tempo todo a gente vai aprendendo que as pessoas negras não estão nos lugares porque não se esforçam. Aposto que aqui na sala as famílias se esforçam e muito, acordando cedo, trabalhando o dia todo, mas alguém vem e diz que precisam se esforçar mais.

- Então quer dizer que racismo estrutural é não ter pessoas negras em alguns lugares?

- Do que as pessoas negras trabalham?

- As vezes são empregados, segurança, faxineira, porteiro, uber.

- Olha lá, não estou dizendo que não podem trabalhar com isso, mas porque elas estão nos cargos mais baixos (expliquei o que isso significava) sempre servindo alguém?

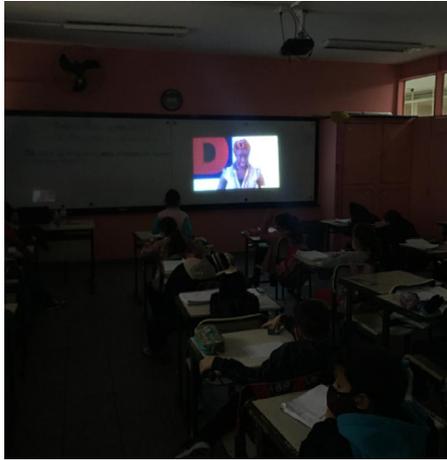
- Estão entendendo o que é racismo estrutural?

- Mais ou menos prof.

- Não se preocupem uma hora a gente entende.

Aproveitei o calor da discussão e pedi para as/os estudantes fizessem registros sobre o que entenderam sobre racismo estrutural e que colocassem exemplos de onde ocorre isso, onde viam as situações mencionadas, muitas/tos relataram que as novelas mostram isso, poucos/cas trouxeram exemplos das famílias. Ali estava em jogo uma discussão que não estávamos esperando, passamos a discutir Racismo estrutural.

Ao acessar os registros realizados pelas/los estudantes comecei a pensar de que modo eu poderia apresentar outros discursos em relação ao corpos negros, no primeiro momento apresentei um vídeo da intelectual Chimamanda Adichie – O perigo da história única.



No vídeo a intelectual nos provoca trazendo questões sobre o olhar ocidental para o continente africano. Ela relata que muitas vezes temos uma visão exótica em relação ao continente. A todo momento eu tentava contextualizar com o que estávamos discutindo, ainda preocupado em possibilitar outros discursos, fui até a biblioteca da escola, lá encontrei um livro de Nei Lopes – *Afro-brasil reluzente 100 personalidades notáveis do século XX*, publicado pela editora carioca Nova Fronteira em 2019.

O intelectual nos apresenta referências negras com suas histórias contrapondo o olhar estereotipado que foi construído a partir da colonização. Apresentei para as/os estudantes algumas personalidades como Abdias do Nascimento, Cartola, Carolina Maria de Jesus, Gilberto Gil, Sueli Carneiro, Jurema Werneck e Luiz Carlos da Vila.

Realizadas as leituras as/os estudantes começaram a perceber que muitas vezes somos levados/lavados a acreditar em uma história totalmente contrária e que é preciso olhar e buscar outras formas de olhar. O projeto possibilitou novos olhares, discursos e formas de pensar as nossas relações a partir das diferenças, nos possibilitou a aproximação de outros discursos em relação aos corpos negros e os modos de vida para além do que vem sendo mostrado midiaticamente. A fim de ampliar a discussão, realizamos uma saída pedagógica para o Museu Afro-Brasil, a ida ao museu foi com a intenção de potencializar as discussões apresentando para as/os

estudantes as possibilidades de se pensar os corpos negros em sua multiplicidade. Como diz Stuart Hall¹⁰, corpos em diáspora.



Atravessamentos

Durante os encontros pude perceber que fomos para além das discussões realizadas nos encontros as/os estudantes passaram a se envolver através das provocações, com isso, fomos criando outro significativo para o que estava posto. Interessante pensar que o estudo-projeto foi para

¹⁰ HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte Editora UFMG, 2018.

além do planejado inicialmente, atravessado pelos encontros, todas/dos se envolveram dando espaço aos fazeres pedagógicos de forma menor em um currículo pensado no dia a dia, encontro a encontro. Uma condição de não fixar, uma pedagogia aberta e disposta aos atravessamentos do cotidiano escolar.

Que seja sempre possível a poética da prática pedagógica, a potência e a sensibilidade docente nas ações cotidianas, não foi fácil, estamos em luta sempre. Mas é possível fazer do espaço escola um espaço de diálogo, olhares outros, potência de vida e construção de possibilidades.

SEJAMOS!